

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2024.r5a08>

Recebido em: 28/01/2024

Aceito em: 01/03/2024

A SUBVERSÃO PELOS DEJETOS: O DESEJO IMPLICADO NO TRABALHO COMO RESÍDUO DA PRÓPRIA HISTÓRIA¹

SUBVERSION THROUGH WASTE: THE DESIRE IMPLIED IN WORK AS A RESIDUE OF HISTORY ITSELF

Uilmer Rodrigues Xavier da Cruz

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2489-7655>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4334866544841521>

Doutorando² em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Brasil
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG

E-mail: uilmer@ufmg.br

RESUMO

Este memorial se compromete com a realidade vivida, na qual, obviamente, nem todos os fatos foram narrados. Existe uma tentativa de deixar o texto acadêmico e mergulhar na história da vida real. Para Marx as entranhas da dor são necessárias para se chegar ao entendimento. Mas optei por deixar o texto leve, embora, os fatos escritos foram de extrema dor em um momento que não tinha maturidade para vivenciá-los solitariamente. Existem várias partes que o leitor precisa entender nas “entrelinhas”. Portanto, tal memorial é um documento inacabado, em construção, como o meu próprio ser, pois continuo lutando, optando por sorrir na medida do possível, fazem/do dos dejetos de experiências pregressas forças para continuar seguindo em frente, rumo ao desejo que trago no íntimo, que é ao mesmo tempo político, de fazer um novo mundo, um mundo melhor.

Palavras-chave: Resiliência; educação; trabalho.

ABSTRACT

This memorial is committed to the lived reality, in which, obviously, not all the facts were narrated. There is an attempt to leave the academic text and delve into real-life history. For Marx, the depths of pain are necessary to reach understanding. But I chose to keep the text light, although the facts written were extremely painful at a time when I was not mature enough to

¹ Relacionei-me de forma marital com duas mulheres em períodos distintos durante vários anos, porém, quando o término chegou eu aceitei e continuei amigo das minhas ex-mulheres e prossegui...

² Defesa de doutoramento marcada para o dia 27/03/2024 às 09:30, buscarei o que é meu de direito por anos e anos de estudos, trabalho e dedicação.

experience them alone. There are several parts that the reader needs to understand “between the lines”. Therefore, such a memorial is an unfinished document, under construction, like my own being, as I continue to fight, choosing to smile as much as possible, using the waste of previous experiences as strength to continue moving forward, towards the desire that I carry within, which is at the same time political, about making a new world, a better world.

Keywords: Resilience; education; work.

1 INTRODUÇÃO

O que é um resíduo senão aquilo que persiste quando tudo mais parece ter fim? O Dicionário Houaiss da língua portuguesa define a palavra resíduo justamente como o “que resta, que remanesce” (Iah, 2001, p. 2437). Remanescer, conforme o mesmo dicionário, consiste em “subsistir como sobrevivente” (p. 2423). Pode-se pressupor, então, considerando essa significação, que o Santo Padre Francisco (2013) concebe os socialmente excluídos como resíduos, como dejetos. São eles sobreviventes de um mundo desigual, remanescentes de uma sociedade que insiste em tratá-los como descartáveis, quando, na verdade, são imprescindíveis ao sustento da pirâmide social. Neles, subsiste o desejo residual de uma vida mais justa, e é por esse desejo que subvertem a objetificação a que são relegados, inscrevendo-se, mesmo que de modo marginal, entre os que tentam apagá-los.

Os desejos que carregamos em nosso íntimo são dejetos de nossos ideais e, por desejo, não me refiro ao querer, inconstante como na música de Caetano Veloso, mas ao que há de mais perene em nossa passagem por esse mundo. O desejo é resíduo de nossas identificações, é aquilo que persiste do laço que formamos com o Outro ao qual buscamos nos assemelhar. Ao nos identificarmos com o Outro, o fazemos desejando obter satisfações semelhantes às dele; é o fim por um meio, o resto de um projeto subjetivo. A psicanálise ensina que a identificação é um ser para ter (Freud, 1921/2011). Ensina também que o desejo conserva algo de nossas origens, que ele é sempre infantil, afinal, é na infância que ocorre a determinação do sujeito pelo Outro, que é assimilado de modo inconsciente.

Em uma passagem de “*My heart leaps up when I behold*” [“Meu coração salta quando eu contemplo”], o poeta inglês William Wordsworth (1807[1802]/2010) enuncia, na esteira de seu testemunho sobre a perenidade dos afetos no curso da vida humana, que a criança é o pai do homem. Freud leva a sério esse enunciado e vem a reconhecer, por meio de seus estudos

sobre o funcionamento da mente humana, a continuidade entre o psiquismo infantil e o psiquismo adulto. Ele afirma, a certa altura de sua obra, que o núcleo do inconsciente, isto é, daquilo que nos é mais íntimo e determinante, e de que quase nada sabemos, é formado por traços que permanecem da infância, os quais, ainda que reprimidos, mantêm seu poderio sobre o eu em qualquer estágio da vida (Freud, 1913/2012). O inconsciente é tido como o discurso do Outro, aquilo que se assimila deste e define o sujeito em seus desejos e escolhas, por mais que se aspire a autodeterminação. Isso implica, entre outros aspectos, que os adultos, como na música, “são crianças como você, o que você vai ser quando você crescer” (Villa-Lobos et al., 1989, faixa 2), ou seja, que, em matéria de psique humano, passado é presente, à medida que as possibilidades de “cultivar” experiências estão ligadas às raízes de cada sujeito. O infantil, assim, é resíduo prevalente, ao passo que é determinante de vivências vindouras.

Servindo de modelo à teoria, minha história não foge à regra, embora evolua a um ponto que faz dela uma exceção, quiçá um exemplo, exatamente por ter me valido das dificuldades do começo do caminho como oportunidades para ensinar e provocar mudanças, não só em minha realidade, como na de outras pessoas. Conforme o ditado, se a vida lhe der limões, você pode usá-los para azedá-la ou fazer deles uma limonada. Minha história remonta aos anos 80, anos marcados por profundas transformações políticas em nosso país. Tendo eu nascido nesse período de mudanças, talvez seja lícito dizer que isso deu tom à minha vida.

Minha realidade, assim como a realidade qualquer indivíduo, perpassa pelo que Bourdieu (1997) pressupõe sobre como as classes vão se formando ao longo do tempo, a partir principalmente de laços simbólicos e materiais que fazem a realidade vivida fazer algum sentido. Ou seja, uma classe não é formada apenas pela existência de sujeitos reflexivos ou grupos que são formados a partir da junção desses indivíduos, mas sim por todas as experiências, sejam elas relacionadas ao espaço, ao tempo, às pessoas, dentre outros aspectos, que tenham alguma significação incorporada pelos sujeitos.

2 DESENVOLVIMENTO

Nesse sentido, meu nascimento ter ocorrido em Belo Horizonte, em uma comunidade conhecida como “Favela da Colina”³, foi fator preponderante para a construção da minha identidade em uma classe vulnerável e para a manutenção de minha relação futura com as comunidades de catadores de recicláveis, conforme será abordado mais adiante. Como explicitado por Bordieu (1997), a formação de classe não ocorre apenas pelas relações com os sujeitos, mas também a partir do que o autor chama de *Habitus*, que incorpora a aquisição de outros aspectos que ele chama de capitais (cultura, economia, sociedade, saúde etc.), que seriam elementos essenciais para a formação de um sujeito, mas dificilmente alcançam o âmbito das comunidades e favelas. Apesar disso, nasci.

Meu pai é natural de São Gabriel da Palha, Espírito Santo, e minha mãe, de Corinto, Minas Gerais. Essas situações podem ser explicadas pelo Êxodo Rural que, de acordo com Wanderley (1995), é um fenômeno advindo do processo de colonização e do modo de produção agrícola herdado dessa conjuntura, que faz com que o pequeno produtor rural perca cada vez mais espaço para a monocultura e, muitas vezes, não encontre mais soluções para uma vida nesse ambiente, evadindo do campo em busca de outras condições na cidade.

Figura 1 – Minha mãe, Lucinda Rodrigues de Souza, e eu



Fonte: acervo pessoal do autor, 2024.

³ Como diria Marilene Chauí, “eu odeio a classe média — os donos da verdade”. Consciência de classe não caminha em paralelo à evolução do Barreiro, que deixou de ser favela há aproximadamente 20 anos.

Contudo, mesmo diante dessa evasão, meu pai era um homem dedicado aos estudos e minha mãe, uma mulher dedicada ao lar, assim como grande parte das mulheres de sua geração, que ainda viviam sob o jugo das correntes do patriarcado⁴, ao apoiarem os cônjuges em suas carreiras e profissões, na criação unilateral dos filhos do casal, mesmo que isso significasse abrir mão de sua própria subsistência, ou de proporcionar uma vida melhor à família, ou de garantir seu futuro e sua aposentaria. Enfim, éramos quatro crianças⁵, filhos de pais jovens, de famílias díspares que demoraram a se respeitar, ou melhor, em que o respeito talvez tenha surgido só depois de nosso afastamento, separação de corpos ou até mesmo do litígio.

Figura 2 – Meu irmão, Uilner Rodrigues Xavier da Cruz, e eu



Fonte: acervo pessoal do autor, 2024.

Como pude levantar de minha árvore genealógica, minha avó, loira e de olhos azuis, buscou asilo no Brasil e, chegando aqui, apaixonou-se por meu avô, negro e já arraigado em outro matrimônio. É importante lembrar que quando se fala em casamento inter-racial, de

⁴ Para Pateman (1993, p. 167), "o poder natural dos homens como indivíduos (sobre as mulheres) abarca todos os aspectos da vida civil. A sociedade civil como um todo é patriarcal. As mulheres estão submetidas aos homens tanto na esfera privada quanto na pública". Ainda segundo a autora, hoje existe um "patriarcado moderno", criado para servir aos moldes da sociedade capitalista, contudo, apesar da palavra "moderno" e das mudanças em sua estruturação, segue sendo tradicionalista ao manter as mulheres em situação degradantes ao conceder poder ao marido, como se tivesse direito natural à esposa.

⁵ Minhas duas irmãs faleceram, tenho um irmão por parte de pai fruto de um relacionamento extraconjugal, no qual praticamente nem o conhecemos.

acordo com Azevedo (1996), a oposição que existe a esse tipo de união vem do fato que pessoas negras são consideradas de classes inferiores ou pobres, e isso seria supostamente uma barreira à vida familiar. O autor ainda observa que essa resistência ocorre mesmo entre pessoas de mesma classe social, sendo, portanto, um traço negativo que se acentua de acordo com a tonalidade da cor, ou seja, quanto mais escura for a cor da pele maior é a oposição ao casamento. “Funcionando a cor e os traços somáticos, em grande parte, como símbolos de status, a resistência aos intercasamentos traduz ao mesmo tempo preconceitos de classe e raça, ou melhor, de ‘cor’” (Azevedo, 1996, p. 78).

Sendo assim, tal situação gerou — e ainda gera — desconforto e conflito entre as famílias, uma vez que essas não chegaram a se conciliar. Não obstante, existe uma disputa econômica e social entre as partes que vem se atualizando geração após geração, expondo-nos a situações ultrajantes todas as vezes em que nos reunimos.

Como conta minha mãe, minha avó, ao chegar no Espírito Santo, começou a trabalhar como gari de varrição⁶, exercendo essa função durante toda sua vida. Nesse sentido, observa-se que o modo de produção capitalista possui como uma de suas características, a de gerar postos de trabalho que são utilizados somente como serviço, não se constituindo, portanto, como elemento primordial no processo de valorização do capital e de obtenção do lucro. Ou seja, como no caso de minha avó, seriam aqueles em que o trabalho acaba sendo um bem com valor de uso, não criando, diretamente, um valor de troca (Antunes, 1994). Essa classe trabalhadora surgiu no bojo das relações capitalistas, sendo considerada mão de obra precarizada, e abarcando todos aqueles trabalhadores que, assim como minha avó e meu pai, conforme será visto adiante, vendem sua força de trabalho a fim de suprir suas necessidades básicas de sustento (Antunes, 1994).

Enfim, exilada, forte e gari, morreu cedo, levando com ela meu avô. Ficou a cargo de meu pai e de meu tio Antônio cuidar dos irmãos que ficaram. Eles fizeram o que puderam, mas

⁶ Convém mencionar também o conceito de “Trabalho decente”, que surgiu na 87ª Conferência Internacional do Trabalho, em 1999, e se refere especificamente ao trabalho considerado produtivo, que além de produzir renda ao trabalhador, ainda segue as normas e os parâmetros dos direitos e condições fundamentais do trabalho, como “[...] segurança, proteção social adequada, normas sociais e direitos dos trabalhadores e diálogo social” (ARAÚJO et al., 2015, p. 109). Nesse sentido, muitos postos de trabalho que se encontram em condições subalternas e precarizadas, sejam eles formais, como no caso dos garis, ou informais, como no caso dos catadores de recicláveis, acabam não correspondendo à lógica do trabalho decente, de acordo com o que estipula a norma da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

alcançar o coração de todos é tarefa impossível, o que levou alguns a morarem em casas de acolhimento ou mesmo na rua⁷.

Meu pai se mudou para Belo Horizonte para trabalhar na Companhia de Energia de Minas Gerais (CEMIG). Começou nessa empresa como faxineiro, enquanto concluía o curso de Contabilidade. Sua formação acadêmica e seu empenho profissional fizeram com que galgasse muitos cargos, adquirisse um poder aquisitivo maior e, posteriormente, conseguisse dar seguimento a seus estudos. É inegável, nesse aspecto, a influência que ele exerceu sobre mim. Devo reconhecer o papel de ideal que ele cumpriu para meu eu. A escolha pela carreira acadêmica que fiz, sem dúvida, se relaciona à identificação que, mesmo inconscientemente, se estabeleceu entre nós. Ora, como explica Freud (1921/2011), a identificação do menino ao pai se dá como introjeção, como “devoração”, em que aquele se alimenta dos traços deste até que se torna, ele mesmo, um pai. Posso não ter chegado a ser pai, mas muitas de minhas obrigações para com os meus são similares às de um pai de família.

Meu pai alcançou seus objetivos profissionais e, com isso, conseguiu se tornar o homem respeitado que tanto desejara. Minha família e eu, no entanto, continuávamos a levar a vida dura da periferia, encontrando dificuldades até nas pequenas coisas do dia-a-dia⁸. Lograr nossos compromissos financeiros não era tarefa fácil: ficávamos entre comer e vestir ou realizar o pagamento das mensalidades da escola em que eu estudava. Naquela época, as escolas particulares se negavam a entregar documentos, como o histórico escolar, mediante inadimplência, e, por conta disso, fui muito prejudicado.

Embora a dedicação de meu pai aos estudos tenha me servido de inspiração, minha relação com ele não era nada amistosa. Na verdade, era uma relação marcada pela hostilidade e, em certos momentos, até pela violência por parte dele. Aprendi, a partir desse laço, que um

⁷ O fenômeno da exclusão social pode ser caracterizado por uma série de processos estabelecidos principalmente pelas relações sociais mais atuais. Nesse campo, cabe lembrar alguns autores que tratam desses temas: como Antunes (1994), que trata da precarização do trabalho; Paugam (1999), da desqualificação social; Castel (1999), que observa a desfiliação social; Bauman (2005), a desagregação identitária; Honneth (1992), a desumanização do outro e Xiberras (1993) e Sung (2002), que tratam da anulação da alteridade. Afirma-se, portanto, que tais processos costumam ser geradores ou gerados por outros fenômenos, como o desemprego, a população em situação de rua, a falta de acesso a bens e serviços, a fome, a violência etc.

⁸ Abramovay (2002, p. 30) afirma que essa vulnerabilidade é uma “situação em que o conjunto de características, recursos e habilidades inerentes a um dado grupo social se revelam insuficientes, inadequados ou difíceis para lidar com o sistema de oportunidades oferecido pela sociedade, de forma a ascender a maiores níveis de bem-estar ou diminuir probabilidades de deterioração das condições de vida de determinados atores sociais. Esta situação pode se manifestar, em um plano estrutural, por uma elevada propensão a mobilidade descendente desses atores e, no plano mais subjetivo, pelo desenvolvimento de sentimentos de incerteza e insegurança entre eles”.

atropelamento, um soco no rosto ou um palito de churrasco cravado na perna deixam cicatrizes, mas os sentimentos que morrem e renascem de uma dor na alma deixam ecos que não cessam de se fazer ouvir. Minha vontade, mediante essa vivência, foi a de deixar a paisagem familiar para trás, escondida na memória, para nunca mais ser revivida. Sonhos e realidade, no entanto, nem sempre contam uma mesma história, e, mesmo distantes, permaneceríamos unidos, pelo menos nas marcas das vivências que carrego comigo.

Como já dito, fui criado em um período de mudanças no Brasil, mudanças sobretudo políticas. Após a ditadura, iniciou-se uma crise econômica que levou a uma enorme inflação e, conseqüentemente, à queda considerável do poder de compra da população, ou seja, o salário real diminuiu e essa situação só foi se estabilizar a partir de 1990. Com a redução da inflação, o poder de compra começou a aumentar e o governo passou a aumentar o salário mínimo gradativamente ano após ano (Brackmann Netto, 2014).

Após esse processo de estabilização, é possível afirmar que os anos 2000 foram marcados por mudanças econômicas e sociais positivas, efetivadas por um governo finalmente progressista, com iniciativas que foram desde a melhora nas condições de trabalho e políticas de educação, até programas de transferência de renda e construção de casas para a população mais vulnerável. Ou seja, no Governo Lula, o combate à fome, à desigualdade e à pobreza, eram ideias prioritárias de sua política (Brackmann Netto, 2014).

Enfim, incentivos para que a classe mais empobrecida pudesse ingressar no ensino superior, bem como para que pudesse permanecer e ascender neste local, foram o que me permitiram seguir no âmbito acadêmico. Posso considerar que os ares dessa nova conjuntura me atingiram em cheio, pois logo um novo tempo começou para mim, ainda que de maneira tímida. O ingresso na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), campus Contagem, possibilitou-me certo nível de independência para além dos muros da minha casa. Tal independência teve que acontecer na velocidade de minhas urgências, já que um tio meu, negro, se recusou a dar abrigo ao sobrinho branco, por orgulho, talvez, ou pelas mesmas questões que envolvem as relações inter-raciais, por uma questão separatista. Enfim, passei alguns dias morando nas ruas de Belo Horizonte, até conseguir me instalar em uma república.

O período que passei nas ruas, por mais difícil que tenha sido, possibilitou-me uma reflexão sobre as condições de vida de sujeitos socialmente excluídos. De acordo com Vieira *et al.* (1994), são sujeitos que vivem extremamente vulneráveis, comumente do sexo masculino,

e que não possuem contato com a família e nem possuem moradia fixa. Também não trabalham regularmente e demandam quase sempre de ajuda e serviços que oferecem abrigo e condições básicas de higiene. Para essa população, a falta de apoio, família, afeto e de um referencial, é o que acaba impedindo o estabelecimento de metas e projetos de vida, que poderiam restaurar uma imagem melhor deles mesmos. Ainda de acordo com os autores, são rejeitados e invisibilizados pela sociedade e sempre “assumem de forma extremamente rígida o estigma lançado sobre si, sentindo-se fracassados, caídos” (Vieira *et al.*, 1994, p. 100).

Desse lugar de exclusão, aprendi que o que resta é a esperança na capacidade de se reerguer. Por essa experiência, pude perceber o quão descartável era e como estava abandonado à minha própria sorte. De acordo com Xiberras (1993), as pessoas sofrem com a exclusão não apenas pela sua cor, ou por viverem em comunidades ou por serem pobres. Mas são excluídos principalmente de suas riquezas espirituais, subjetivas, ou seja, seus valores não são reconhecidos e se encontram excluídos também do universo simbólico. Portanto, todos aqueles problemas oriundos dessa injustiça “caracterizam-se pela hostilidade, a invisibilidade social e o desrespeito que a associação de interpretações ou estereótipos sociais reproduzem na vida cotidiana ou institucional. Este tipo de comportamento implica no prejuízo da autoestima de indivíduos e grupos, mediante processos intersubjetivos” (Souza, 2000 *apud* LOPES, 2006, p. 127).

Enfim, por outro lado, as ruas ensinam bastante, ao passo que deixam em nós fortes traços de egoísmo, e egoísmo não apenas como um predicado contraproducente do ser, mas também como um estado de autoconservação do próprio eu, como um mecanismo de defesa contra o que lhe é danoso. Isso porque, nas ruas, tudo dá medo e gera insegurança, desnudando nossas maiores fragilidades. De acordo com Motta (2012), o medo é uma emoção que demonstra preocupação excessiva com os riscos e incertezas de determinadas situações. Ele causa grande desconforto, muitas vezes incontrolável, pois julga-se que existe um perigo iminente, sendo esse perigo real (possui explicação razoável e lógica) ou irreal (imaginário e baseado em premissa falsa) (Motta, 2012).

De todo modo, como se fosse Marighela, não tive tempo de ter medo, e tal vivência me fortaleceu e contribuiu para que eu, um homem branco, conseguisse trânsito entre aqueles com os quais trabalhei posteriormente, vendo-me como um trabalhador marginalizado, excluído e sem nenhuma importância ao Circuito Inferior da Economia Urbana, como descreve Milton

Santos (2008). Para o autor, esse circuito inferior é formado por atividades menor dimensionadas e que interessam majoritariamente às populações pobres. A diferença principal entre o Circuito superior e o inferior é que o primeiro trabalha para o acúmulo de riquezas e o inferior trabalha para a subsistência, como é o caso dos trabalhadores catadores de materiais recicláveis, com quem iria conviver futuramente e pude, de antemão, conhecer seus pensamentos, saber como pensam, agem, interpretam o mundo e alimentam seus medos.

Enquanto estudava na PUC Minas, passei por grandes apuros para terminar o curso, por não conseguir pagar as mensalidades em dia, tendo sido obrigado a trancá-lo três vezes até me formar. Nessa época, eu trabalhava no restaurante de um hotel⁹ como “cumim” (ajudante de garçom) e, com o salário que recebia, era praticamente impossível pagar as mensalidades e a república onde morava. Por trabalhar em restaurante, tive a sorte de poder me alimentar no próprio ambiente de trabalho. Quando era possível, eu até levava comida para a casa. Porém, como muitas vezes o restaurante preferia jogar os alimentos fora em vez de deixar os funcionários levá-los para casa, acabava fazendo só uma refeição por dia¹⁰.

Quando menos esperava, um inimigo confesso de meu pai surgiu e me ofereceu uma oportunidade de trabalho. A ideia que tivemos foi a de montar uma *lan house*, a primeira do Centro de Belo Horizonte. Ideia extremamente inovadora para a época, startup da vida. Nessa empresa, trabalhei exaustivamente; inclusive, montei oito lojas de acesso à internet, algo que, naquela época, era muito utilizado, mesmo sendo de difícil acesso para a maioria das pessoas. Ao terminar o curso na PUC Minas, consegui ser selecionado para a pós-graduação em Engenharia Sanitária e Ambiental na UFMG. Naquele momento, pensava em me qualificar mais e via o mercado de internet já bem saturado.

A vida é algo muito circular, pois, quando estava fazendo a pós-graduação, me senti compelido a trabalhar com resíduos, tal qual minha avó, ainda que de outro lugar. A vontade era tanta que fui até a Asmare conversar com Luiz Henrique, hoje vice-presidente do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). Desejava aplicar os

⁹ Hotel Financial, restaurante Bom Gourmet

¹⁰ A lei em que grande parte dos restaurantes se baseava para não doar as sobras de alimentos era a RDC 216, regulamentada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), que, contudo, foi revogada recentemente. Disponível em: <https://rbispo77.jusbrasil.com.br/artigos/866275533/nova-lei-permite-a-doacao-de-alimentos-sem-responsabilizar-o-estabelecimento-doador>. Acesso em: 29 mar. 2023.

conhecimentos obtidos, tendo em vista que me sentia um catador histórico¹¹, mesmo não tendo a proximidade que minha avó e tia Nilda tinham com os resíduos sólidos urbanos. Infelizmente, Luiz, que naquela época era somente um catador em situação de rua, me negou trabalho na Asmare. Isso me fez perceber que “santo de casa não faz milagre”.

Nesse seguimento, comecei a mandar currículos para empresas e ONGs através de plataformas on-line. Obtive êxito ao mandar um para o PANGEA – Centro de Estudos Socioambientais. Com poucos dias, fui chamado para trabalhar nessa instituição. Antonio Bunchaft e Adherbal Regis resolveram apostar em meu potencial, mandando passagens de avião e fazendo uma proposta salarial. Sentia que precisava sair de Belo Horizonte. Então, comuniquei minha decisão para minha mãe e meu tio Gelson, que me levaram ao aeroporto. Segurei o choro, me despedi e entrei no voo com destino ao desconhecido, sem saber o que me esperava, e mais uma vez o medo bateu a minha porta.

Chegando em Salvador, fui recebido pela Jacson com as placas contendo meu nome e o da organização: Uilmer — PANGEA. Entrei no carro e fui para o local de trabalho. Nesse momento, passou-me pela cabeça que eu não tinha outra opção a não ser fazer dar certo. Trabalhei muito e, rapidamente, meu trabalho começou a surtir efeito nas cooperativas. De imediato, escrevi e acertei um projeto social na Oi Novos Brasis, onde desenvolvi um sistema de rastreamento para as cooperativas. Posteriormente, desenvolvi o CATAsig¹² e inúmeros trabalhos que me fizeram rapidamente chegar à diretoria de tecnologia na instituição.

Desde 2008, integro o Centro de Estudos Socioambientais PANGEA¹³, em Salvador, Bahia, como diretor de tecnologia e de projetos, com trabalho voltado para a inclusão social e

¹¹ Termo do MNCR, que está no estatuto, que designa o catador que veio de família de catador ou catou a vida toda.

¹² Software de gestão de cooperativas de catadores.

¹³ Projeto CATABahia - BA, Catadores e Catadoras em Rede Solidária - CRS - RJ, sendo que destes projetos de pesquisa, foi desenvolvido o Software CATAsig - utilizando a linguagem de programação php html, banco de dados Mysql registrado no INPI - BR512013000238-9, Software CESOL - utilizando a linguagem de programação php html, banco de dados Mysql, vários mapas geoprocessados, tanto no formato tif, como web, utilizando plataforma Arc Gis, MapInfo, Map Server, desenvolvimento científico tecnológico de uma lixeira inteligente que reconhece os materiais recicláveis registrado no INPI - MU00251302795267, nos mais variados temas, como implantação de software, automação de balança de pesagem utilizando porta de comunicação e conexão direta com o banco via aplet Java – Placar da Reciclagem. Georreferenciamento de 2.200 catadores em plataforma Web. Trabalho nos quais estão alocados em servidores e pode ser consultado pelo público em geral. Escrita de relatórios técnicos de pesquisas realizadas na instituição e publicadas com os seguintes títulos e ISBN. Rede Cata Bahia - Sistematização da Experiência – ISBN 9786599039454, Planos de Negócios de Cinco Redes de Comercialização do Projeto Catadores e Catadoras em Redes Solidárias – CRS – ISBN 9786588496329, A Rede CATABahia de Pequenas e Médias Empresas e o Comércio Internacional de Produtos Reciclados – Uma Estratégia de

econômica de catadores de materiais recicláveis em situação de subalternidade. No PANGEA, tive a oportunidade de trabalhar na formação da Rede CATAbahia, que possibilitou a organização de cooperativas de catadores de materiais recicláveis em seis municípios do estado, a saber: Salvador, Feira de Santana, Vitória da Conquista, Jequié, Itapetinga e Itororó.

A partir de minhas vivências, desenvolvi o CATAsig, um sistema de informações gerenciais de cooperativas de catadores que abarca rotinas administrativas, contábeis-financeiras, de logística, de recursos humanos e de geotecnologias, com capacidade de controlar os caminhões das cooperativas em matérias de percurso, rotas e pontos de coleta. Com esse sistema, foi implementado o rastreamento integrado em diversos municípios da Bahia, possibilitando uma análise de dados remota da rede de comercialização. A rede de comercialização possibilitava a venda em escala dos materiais recicláveis diretamente para a indústria recicladora. O projeto, que contou com o patrocínio da Petrobrás, atende hoje cerca de 500 famílias de catadores e auxilia no rompimento de uma rede histórica de exploração dos catadores por parte de um conjunto de atravessadores.

Trabalhando com os catadores, senti-me parte deles. Sempre fui muito bem tratado nas cooperativas de catadores, até mesmo por esses reconhecerem que tive um histórico de dificuldades parecido com os deles. Pude, nos intervalos do trabalho, participar das celebrações desses sujeitos, em alguns momentos compartilhando dores e verdades com esses companheiros(as) de vida e de trabalho. Maslow (1954) já tratava sobre a necessidade de pertencimento em sua teoria das Necessidades humanas¹⁴, observando que essa necessidade, apesar de não ser vital, é fundamental para a construção da identidade e das relações afetivas do indivíduo, o que, seguramente, também impacta na sobrevivência. Acredito que não me

Internacionalização, - ISBN 9786588496039, Avaliação da Sustentabilidade do Projeto Rede CATASampa, São Paulo, Brasil – ISBN 9786599039485, Diagnóstico da situação econômica e social de empreendimentos econômicos solidários de catadores de materiais recicláveis situados em 41 municípios do estado do Rio de Janeiro – ISBN 9786599039447, Diagnostico Sobre Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos em Municípios de Cinco Regiões do Brasil: Belo Horizonte/MG, Caxias do Sul/RS, Rio Branco/AC, Natal/RN E Pirenópolis/GO – ISBN 9786599039492, Diagnostico Socioeconômico de Organizações de Catadores de Material Reciclável Para Implantação da Rede de Comercialização Leste do Estado do Rio de Janeiro – ISBN 9786588496015, Estudo da Composição Gravimétrica dos Resíduos Gerados em Estabelecimentos Comerciais da Rede Wal Mart de Salvador/BA – ISBN 9786588496046, Os Direitos Humanos e os Catadores de Materiais Recicláveis – ISBN 9786599039461.

¹⁴ À título de informação, as outras necessidades englobam: as fisiológicas, a de segurança, a de estima e a de autorrealização (MASLOW, 1954).

sentir parte da comunidade dos catadores teria aumentado ainda mais a minha solidão, principalmente diante de tudo o que já tinha vivido.

Sendo assim, em certo momento, o CATAsig se tornou um software comercializado nas cooperativas de catadores Brasil afora, a partir da articulação política entre o PANGEA e o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). Então, passei a ocupar o cargo de diretor de tecnologia da informação e geoprocessamento do PANGEA, pelo qual pude participar, em diversas ocasiões, de reuniões para discutir a integração desse software com o Sistema Nacional de Informações Sobre a Gestão dos Resíduos Sólidos (SINIR) do Governo Federal. Estive, por essa razão, nos estados da Bahia, Sergipe, Minas Gerais, Paraná e Ceará participando de mostras de tecnologia social.

Em 2013, no Rio de Janeiro, tive a oportunidade de trabalhar no fechamento do Lixão de Gramacho e na construção do Polo Reciclador. Consequentemente, atuei no Projeto Catadores em Redes Solidárias, voltado para a organização de redes de economia em seis regiões do estado do Rio de Janeiro, envolvendo 41 municípios, em parceria com a Secretaria Estadual do Ambiente, o Ministério do Trabalho e Emprego, a Fundação Banco do Brasil e a Secretaria Geral da Presidência da República. Nas Olimpíadas de 2016, juntamente com Antonio Bunchaft, desenvolvi o Placar da Reciclagem, uma balança que registrava as pesagens de materiais recicláveis de todas as áreas olímpicas e que, automaticamente, atualizava os dados em tempo real. O sistema gerava gráficos de cada área coletada, das quantidades em quilos, do geoprocessamento e dos catadores que trabalhavam no projeto de reciclagem inclusiva. Tal sistema não só informava ao leitor os dados, como fazia toda a parte de pagamentos das diárias dos catadores, de emissão de comprovantes de entrega de equipamentos de proteção individual e das rotas dos caminhões nas áreas olímpicas.

Em meio a essas conquistas, o PANGEA sofreu um golpe tremendo¹⁵: escrevemos um projeto de acordo setorial e, quando menos esperávamos, tal projeto foi parar em outra

¹⁵ Este memorial valorizou bastante a parte profissional, pois trabalhávamos 16 horas por dia no Pangea, a ideologia era tão forte que se fosse possível eu trabalharia muito mais. Quando o Pangea foi traído, fui chamado para compor a equipe que traiu, mas não aceitei nem pelo dinheiro satisfatório oferecido na época. Minha amizade com Antonio e Adherbal impossibilitou com que isso acontecesse. Como os acontecimentos são atemporais, hoje quem traiu o Pangea, também traiu o Movimento Nacional dos Catadores – MNCR, infelizmente, não existia nenhuma possibilidade de ser frutífero aquela relação de conveniência econômica momentânea. O MNCR trocou quem tinha ideologia de classe e luta pela causa dos catadores por um aventureiro que queria numerário e criar divisão. Hoje, vejo que foi muito bom tudo que aconteceu, pois estava acostumado com quedas mesmo. Mas está

instituição, inviabilizando totalmente a continuidade da instituição. Esse golpe me levou a refletir sobre quando a traição acontece no interior da própria classe de trabalhadores. Como afirma Boulouque (2010), sua definição “‘externa’ [...], se constrói a partir do axioma ‘quem não está conosco está contra nós’” (p. 160)¹⁶. Simplesmente, vi nosso sonho desmoronar: anos e anos de luta pela classe dos trabalhadores da reciclagem foram terra abaixo. É inegável a contribuição do PANGAEA na construção de dezenas de cooperativas e na construção identitária¹⁷ que os catadores têm hoje, sem contar a ajuda na formalização e surgimento do Movimento Nacional dos Catadores. O PANGAEA foi braço tecnológico e intelectual das pesquisas, levando à criação do Centro de Referência do Catador, grupo de pesquisa da Universidade Federal da Bahia.

Naquele momento, vi-me desempregado novamente, porém, com um currículo profissional gigantesco, com projetos renomados e de sucesso, vários prêmios e reconhecimento das principais empresas do país e da mídia. Outra vez, precisei fazer dos limões que me foram oferecidos uma limonada. Decidi estudar na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Eu sempre dizia que, se saísse do PANGAEA, eu viraria professor, que iria para a Universidade aprender, ser um pesquisador participante¹⁸, posteriormente, ensinar em alguma instituição de Ensino Público ou Privado de Ensino Médio ou Superior.

Em 2019, tornei-me mestre em Geografia pela UERJ¹⁹, contribuindo teoricamente com trabalhos acadêmicos na área da rede de produção da reciclagem fluminense, publicando 18 artigos nesse período, todos eles oriundos da trajetória de 15 anos de trabalho com e para os

me mostrou como as pessoas são quando você tem status, quando você não tem status, quando você é um imprestável economicamente falando.

¹⁶ A imagem da traição e do traidor acabaram sendo importantes elementos para a política e para a educação dentro dos moldes da Moral Comunista, uma vez que contribuíam para a compreensão do que seria a união, a fidelidade e a conduta no interior do partido (SILVEIRA, 2015).

¹⁷ O contágio pode representar a forma como ocorre a construção da identidade e a formação das subjetividades nos dias de hoje. Um processo célere que naturalmente se dá pelo contato entre indivíduos, grupos e bens de consumo. Contudo, até pouco tempo atrás, esse desenvolvimento era efetivado através principalmente das relações de parentesco, filiação e outras instituições como a igreja, por exemplo. Hoje, outras esferas, como os meios de comunicação e as mídias sociais, propõem inovadoras situações para que essa subjetividade seja formada. (Ferrari, 2006).

¹⁸ Pesquisador participante é um conceito, geralmente, é o pesquisador que tem muita vivência com o campo de pesquisa.

¹⁹ Vale ressaltar que a pesquisa do mestrado ganhou uma menção honrosa do VI Prêmio ANPUR - Ana Clara Torres Ribeiro - Rede de produção e circuitos espaciais na indústria de reciclagem, Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional / ANPUR.

catadores de materiais recicláveis. Tirei esses dois anos para publicar e me empenhar ao máximo para dar uma contribuição acadêmica para os catadores e a sociedade.

Figura 3 – VI Prêmio ANPUR - Ana Clara Torres Ribeiro – Menção honrosa



Quando terminei o mestrado, já não tinha mais nenhum recurso no bolso, o que me levou a voltar para Belo Horizonte. De imediato, comecei a dar aulas em escolas públicas. Diga-se de passagem, por ter trabalhado em políticas públicas de esquerda, o campo praticamente se fechou, devido à guerra ideológica que se instaurou no país um pouco antes das eleições de 2018²⁰. Trabalhando como professor, todo meu salário era destinado às despesas da casa de minha mãe. O contato com os catadores nunca deixou de existir, pois minha amizade com a categoria não era somente por conta de minha ocupação, mas também pela transferência de afeto entre nós.

²⁰ Convém mencionar que, para Marx, a formação de uma consciência revolucionária está fortemente conectada à competência que indivíduos possuem de encontrar as causas da sociedade e, assim, encontrar seu próprio movimento. Para Iasi (2002, p. 97) “Se partíssemos do termo ideologia, tal como Marx o define, teríamos que lhe contrapor o termo ‘consciência revolucionária’ em um sentido eminentemente anti-ideológico. A unidade do fenômeno, a meu ver, estaria no fato de que ambas as manifestações seriam formas de consciência, de maneira que toda ideologia é uma forma de consciência, mas nem toda forma de consciência é ideologia”.

A forma como o PANGEA encerrou suas atividades e o modo como me posicionei, não agindo de má-fé com a instituição e seus colaboradores, fizeram com que eu ganhasse a admiração de meus pares. Inclusive, sabendo de minha falta de recursos, um amigo²¹ contribuiu para que eu realizasse um grande sonho, que era o de fazer o doutorado para agregar ainda mais à categoria: ele pagou minha inscrição para o processo seletivo do Programa de Pós-Graduação. Esse amigo teve uma importância elevada para mim, pois, sempre que surgia algum trabalho, ele me chamava para prestar serviços. Com a seriedade e o comprometimento com os quais levo desde muito minha vida acadêmica e profissional, consegui ingressar no doutorado, e, tendo ingressado, pleiteei uma bolsa e fui agraciado com ela. Atualmente, me encontro matriculado regularmente no doutorado em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), desenvolvendo a pesquisa intitulada *A produção social do trabalho na rede de reciclagem no estado do Rio de Janeiro*.²²

Nos três primeiros anos de doutorado, dediquei-me exclusivamente à pesquisa, escrevendo e tentando publicar os feitos realizados no PANGEA. Minha intenção foi construir um currículo acadêmico que me desse a chance de disputar e almejar cargos futuros e contribuir academicamente com o campo de pesquisa da reciclagem, catadores, trabalho informal e com a sociedade. Hoje, em 2024, me encontro dando aula²³ na Escola Técnica do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité, onde me reencontrei profissionalmente dando aulas de Geografia e Estudos Orientados I²⁴. A pluralidade de experiências profissionais com grupos socialmente excluídos, colaborando para o processo de organização política, social e econômica destes, consolida, para mim, uma experiência empírica da qual emergem questões relevantes de pesquisa e uma práxis profissional amadurecida o suficiente para reflexões que busco lecionando a disciplina de Geografia e em minhas pesquisas na UFMG.

²¹ Trata-se de Sebastião dos Santos, protagonista do documentário *Lixo extraordinário*, com o qual fiz uma amizade no período em que trabalhei no fechamento do Lixão de Gramacho.

²² Nome do autor suprimido em prol da garantia de seu anonimato durante o processo de avaliação.

²³ Aprovado no concurso público da Prefeitura Municipal de Juatuba, Prefeitura Municipal de Juatuba. Aprovado no Processo Seletivo Simplificado para Professor Substituto de Ciências Humanas na Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG. Aprovado no Processo Seletivo Simplificado para Professor Substituto de Geografia na Universidade de Pernambuco, Universidade de Pernambuco. 1º na seleção de professores de Geografia, Fundação Helena Antipoff - (FHA).

²⁴ A turma de eletroeletrônica escolheu-me como professor padrinho, ganhei em 1º Lugar Geral na Feira Mineira de Iniciação Científica com o projeto de campo intitulado: (Re)construindo as relações interpessoais na Escola Técnica Sandoval Soares de Azevedo em tempos de pós-pandemia.

Figura 4 – 1º Lugar Geral na FEMIC Mais – Feira Mineira de Iniciação Científica



Fonte: acervo pessoal do autor, 2024.

3 CONSIDERAÇÕES “FINAIS”

Este memorial é um documento inacabado, em construção, como o meu próprio ser, pois continuo lutando, optando por sorrir na medida do possível, fazendo dos dejetos de experiências pregressas forças para continuar seguindo em frente, rumo ao desejo que trago no íntimo, que é ao mesmo tempo político, de fazer um novo mundo, um mundo melhor. Nos últimos dois anos, aliás, tenho tentado me reorganizar pessoalmente, e essa reorganização passa por meu pai, com o qual tenho tentado me reconectar, apesar da estranheza que insiste entre nós. A estranheza é traço comum do reencontro com algo que era familiar, mas que, por qualquer motivo, deixou de ser (Freud, 1919/2010). Se a relação que tinha com meu pai anteriormente foi o pontapé para tudo que me aconteceu, talvez a construção de um novo laço com ele, com uma nova tonalidade, possa desbloquear potenciais entre nós, e em mim, que eu sequer sabia que existiam. Potenciais que talvez sejam resíduos nos porões de nossa história.

Agradecimentos: palavras iniciais, trabalho formal, informal e ordenamentos jurídicos na reciclagem brasileira. O presente memorial faz parte da pesquisa A produção social do trabalho na rede de reciclagem no estado do Rio de Janeiro, em andamento no curso de Doutorado em Geografia — Programa de Doutorado em Geografia, do Instituto de Geociências

da Universidade Federal de Minas Gerais, na linha de pesquisa de Produção do Espaço, Ecologia, Política, Cultura e Educação em Geografia.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pela concessão de bolsa de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. C. de; RIBEIRO, E. A.; ARAÚJO, E. L.; MOREIRA, K. Condições de trabalho nas cooperativas de reciclagem na região de Maringá: Uma análise sob a ótica do trabalho decente. **A Economia em Revista**. V. 23, n. 2, 2015. p. 107 – 119.

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez, 1994.

AZEVEDO, T. de. **As elites de cor numa cidade brasileira**: um estudo de ascensão social & Classes sociais e grupos de prestígio. Salvador: EDUFBA/EGBA, 1996.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOULOUQUE, S. Communisme et trahison. In: JAVEAU, C.; SCHEHR, S. (Dir.). **La trahison**: de l'adultère au crime politique. Paris: Berg International, 2010.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**. Campinas: Papirus, 1997.

BRACKMANN NETTO, A. **Regime de crescimento da economia brasileira**: uma análise dos anos 2000. Trabalho de conclusão de graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Curso de Ciências Econômicas. 2014.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1999.

FALCÃO, C. **Capitão Gancho**. In: FALCÃO, C. Monomania [Álbum]. Casa Byington; Sony Music; Chevalier de Pas. 2013

FRANCISCO. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium do Santo Padre Francisco ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual**. 2013. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html.

FERRARI, Marian A. L. Dias. O papel da diferença na construção da identidade. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 56, n. 124, p. 1-8, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 mar. 2023.

FREUD, S. O inquietante. In: P. C. Souza (Ed.). **Obras completas de Sigmund Freud** (Vol. 17, pp. 275–314). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919). 2010.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do *eu*. In: P. C. Souza (Ed.). **Obras completas de Sigmund Freud** (Vol. 18). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921). 2011.

FREUD, S. O interesse da psicanálise. In: P. C. Souza (Ed.). **Obras completas de Sigmund Freud** (Vol. 11, pp. 328–363). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913). 2012.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

IASI, M. Alienação e ideologia: a carne real das abstrações ideais. In: IASI, M. **Política, Estado e Ideologia na trama conjuntural**. São Paulo: Instituto Caio Prado Jr., 2017. p. 85-112.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS (IAH). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Objetiva. 2001.

LOPES, J. R. Exclusão social, privações e vulnerabilidade: uma análise dos novos condicionamentos sociais. **São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 123-135, jan./mar. 2006.

PAUGAM, S. O conceito de desqualificação social. In: VERAS, M.P.B. (Ed.). **Por uma sociologia da exclusão social**: o debate com Serge Paugam. São Paulo: Educ, 1999.

PATEMAN, C. **O Contrato Sexual**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SILVEIRA, É. da S. A noção de traição e suas interfaces com a educação comunista. **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF). Rio de Janeiro, Vol. 6 | N. 1, pp. 190-207, dezembro 2015. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/>.

SUNG, J. M. **Sujeito e sociedades complexas**: para repensar os horizontes utópicos. Petrópolis: Vozes, 2002.

VILLA-LOBOS, D.; RUSSO, R.; BONFÁ, M. Pais e filhos [Música gravada por Legião Urbana]. *In*: Legião Urbana. **As quatro estações** [Álbum]. EMI. 1989.

VIEIRA, M. A. C.; RAMOS BEZERRA, E. M.; MAFFEI ROSA C. M. **População de rua**: quem é, como vive, como é vista. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

WORDSWORTH, W. “My heart leaps up when I behold”. *In* S. Gill (Ed.). **21st-century Oxford authors**: William Wordsworth (p. 264). Oxford University Press. (Trabalho original produzido em 1802 e publicado em 1807). 2010.

XIBERRAS, M. **As teorias da exclusão**: para uma construção do imaginário do desvio. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.